

MASOQUISMO MORAL E MELANCOLIA: RELAÇÕES COM O SUICÍDIO

Bernardo Sollar Godoi¹, Renata Viana Gomide²

Resumo: *Este estudo tem por objetivo a apresentação, de forma introdutória, dos conceitos de masoquismo moral e melancolia, seus envolvimento com a culpa, e sua relação possibilidade do sujeito vir a cometer o ato suicida, sob a ótica psicanalítica. Por um lado, no masoquismo moral, tem-se o sujeito que busca o sofrimento de si incessantemente e por outro, na melancolia, há o indivíduo que se identifica com o objeto perdido inconscientemente e direciona a recriminação, que antes era do objeto, para si mesmo. Com a intenção de tornar a apresentação mais compreensiva, foi realizada uma breve explanação da inserção do sujeito no ambiente social e como se dá a introjeção da consciência moral. A referida pesquisa é de caráter qualitativo, utilizando-se de um de estudo teórico, sistemático-conceitual, caracterizado pela revisão de livros e artigos existentes sobre o tema.*

Palavras-chave: *Culpa, morte voluntária, psicanálise.*

Introdução

Esse estudo faz parte de um trabalho maior, que será desenvolvido ao longo dos próximos doze meses, e que diz respeito ao ato suicida sob a ótica psicanalítica. Como forma de apresentação, nesta pesquisa foram discutidos os conceitos de melancolia e masoquismo moral, desenvolvidos por Freud (1917; 1927), além das relações dos mesmos com o sentimento de culpa e a possibilidade do sujeito vir a se matar voluntariamente.

Material e Métodos

A referida pesquisa é de caráter qualitativo, utilizando-se de um de estudo teórico, sistemático-conceitual, caracterizado pela revisão de livros e artigos existentes sobre o tema.

¹Graduando em Psicologia - FACISA/UNIVIÇOSA. E-mail: bernardosollar@hotmail.com

²Professora do curso de Psicologia - FACISA/UNIVIÇOSA. E-mail: rvgomide@yahoo.com.br

Resultados e Discussão

A inserção do sujeito na cultura deve-se à castração dos desejos encontrados no imaginário da criança edípica, isto é, recalçando-os e introjetando a Lei (consciência moral) derivada da elaboração do Complexo de Édipo. O sujeito incorporado à cultura, portanto, tem a realização de seus desejos negada pela sua própria consciência moral que foi herdada dos pais e pela consciência moral da cultura.

A importância da introjeção da consciência moral se justifica pela incompatibilidade dos desejos inconscientes diante da estrutura de uma sociedade organizada, já que a realização desses trariam certo alvoroço e desestabilização do sujeito perante o meio social - ou desestabilização do meio social perante o sujeito, como se pode observar nas psicopatologias. Isto deixa o sujeito numa balança entre o que quer realizar (inconscientemente) e o que é realizável. Já que essas prerrogativas se divergem, o indivíduo carrega consigo uma falta inexorável por não conseguir realizar aquilo que deseja e uma culpa por desejar aquilo que não pode ser desejável.

Concentrando neste último aspecto, a culpa por desejar o não permitido gera outro desejo, porém de outra instância, o de ser punido. Esse sentimento de culpa inconsciente é atribuído “como o elemento primordial do mais importante tipo de masoquismo, o moral” (SILVA, 2012, p. 128).

O masoquista moral, segundo foi caracterizado por Freud em sua obra “O problema econômico do masoquismo” (1927), visa o sofrimento de si próprio, independente de quem o pratica, sendo ele capaz de oferecer recursos para que a dor seja alcançada. Mas por qual razão é atribuído por ele (o masoquista) tanto valor ao sofrimento?

Como dito anteriormente, a consciência moral é adquirida na elaboração do Complexo de Édipo, isto é, efetuando-se sua dessexualização. No masoquista moral “a moralidade se torna mais uma vez sexualizada” (FREUD, 1927, p. 11). O masoquista, então, quer ser punido pela mão paterna. Daí que vem a necessidade de punição carregada por ele. E, dessa forma, passa a buscar a satisfação de sua necessidade incessantemente.

Portanto, para reduzir (ou até eliminar, no caso do suicídio) a tensão gerada em seu aparelho psíquico, provocado pelo sentimento de culpa inconsciente que está atrelado à necessidade de punição, o sujeito, desconhecendo os

limites, irá a todo custo, ao encontro do sofrimento de si próprio. Para isso ele procurará “efetuar ações ‘pecaminosas’ (...), fazer o que é desaconselhável, agir contra seus próprios interesses, arruinar as expectativas que se abrem para ele no mundo real e, talvez, até destruir sua própria existência real” (FREUD, 1927, p. 11). Nesta última circunstância, então, chega à eliminação de toda sua carga pulsional.

Prosseguindo com a elucidação, articular-se-á o suicídio com o segundo conceito estudado, a melancolia. Em sua obra “Luto e Melancolia” (1917), Freud explica que, assim como no luto, a melancolia se trata de um estado relacionado à perda de um objeto amado, porém de cunho mais ideal e inconsciente, isto é, o melancólico “sabe *quem* ele perdeu, mas não sabe o *que* perdeu nesse alguém” (FREUD, 1917, p. 3. Grifo no original). Ainda, essa perda pode não estar relacionada somente a do objeto, mas também à perda ou, melhor, à desestruturação dos elos relacionados ao objeto perdido, demonstrando haver uma desordem maior que em relação ao luto.

Na melancolia há uma identificação com o objeto que foi perdido, isto é, há uma identificação consigo mesmo na falta do objeto. Assim, o melancólico sofre um abalo negativo em sua autoestima, que no luto não acontece. “O paciente [melancólico] representa seu ego para nós como sendo desprovido de valor, incapaz de qualquer realização e moralmente desprezível; ele se repreende e se envilece, esperando ser expulso e punido.” (FREUD, 1917, p. 4). O sujeito pode se remeter à culpa por ter sido o agente causador da perda objetual, e, para se redimir, pode vir a se automutilar como forma de punição. Retornando ao problema da perda, então, o investimento antes do objeto, agora regride a si mesmo, por isso há a insatisfação e recriminação do ego. Porém, como afirma Freud (1917), o que acontece é a recriminação do objeto que se perdeu, que teve o investimento deslocado. Parte do ego se torna o objeto que partiu. Dessa forma, um melancólico que tenta se matar pode estar, na verdade, direcionando o ódio e o desejo de morte que nutre pelo objeto (agora, perdido) para si próprio (SILVA, 2012).

O masoquismo moral e a melancolia podem vir a ser considerados, portanto, parte estruturante de contextos *a priori* do ato suicida. Além desses conceitos, é de extrema relevância o de pulsão de morte, inerente a todo ser humano.

Considerações finais

Para Freud (1927), o sujeito quer, acima de tudo, eliminar a tensão pulsional acumulada em seu aparelho psíquico; porém, um organismo vivo não consegue dissipar toda tensão. Isso significa, portanto, que existe uma estreita relação entre a vida e o desejo de se encontrar num estado inorgânico - o que seria a pulsão de morte -, pois assim a inquietação acabaria (a instabilidade daria lugar à estabilidade inorgânica). Dessa forma, a morte voluntária só virá a acontecer se esta representar para o indivíduo uma forma de satisfação (e, assim, eliminação) dessa tensão, que Freud nomeou como pulsão.

Este trabalho apresentou resultados parciais. Mesmo entendendo que a pulsão de morte seja uma idéia fundamental para compreensão do suicídio, este é um dos conceitos mais complexos da teoria psicanalítica, e, pelo fato desta pesquisa estar atualmente em estado incipiente, indica-se que tal temática será o próximo assunto a ser explorado no trabalho.

Referências Bibliográficas

FREUD, S. (1917). **Luto e melancolia**. Vol. XIV Obras Psicológicas Completas. Ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1927) **O Problema Econômico do Masoquismo**. Vol. XIX. Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

SILVA, L. M. A. **O ato suicida do ponto de vista da psicanálise e possíveis pontos de aproximação com a teoria de Durkheim** - Pensar a tessitura social do suicídio: Durkheim, Freud e Lacan em interlocução. Rio de Janeiro: Multifoco, 2012.